

## 2º Lugar

Pseudônimo: ARIADNE

### UM PRIMEIRO INSTANTE

Jussara Santos

LETRAS

I

é certo que depois de tanto, ainda goste de sentar-se à janela e olhar a chuva ou o rio. Tanto tempo de exílio, bastava a colcha de retalhos e o livro de capa vermelha sobre a cama.

Ela estava cada vez mais sozinha, pois com a sua chegada os vizinhos foram saindo à francesa e sua casa entre muitas virou uma. Lugar pequeno. Quarto conjugado com banheiro, sala, cozinha. A solidão deixa os sentimentos em desalinho. Para fingir a chegada de alguém é preciso muito. A arrumação do quarto, a comida e vinho preferidos. Um banho. É, um banho é um primeiro passo. A água morna caindo sobre o corpo, sobre o cabelo, sobre as lembranças. A roupa também é importante, mas na indecisão brinca entre uma saia e uma calça. Vai até a cozinha, tira uma maçã da geladeira e caminha nua até a sala onde põe um disco na vitrola. Acompanhando a música ela roda e à medida que os acordes vão se acelerando ela começa a rodar mais rápido e a jogar-se contra a parede da sala. A sala parece menor, o corpo dela parece menor. Na vitrola a música aumenta e o corpo cai. Ela ri embriagadamente e estremece com o último acorde. O chão está frio, ela adormece.

II

Acorda depois de horas. O corpo doído. Sente frio. Vai para o quarto. Lá, sobre a cama, uma roupa de todo dia. Mas hoje a roupa deve ser outra. Abre a velha mala e mexe em coisas antigas.

Um xale, um par de sapatos, fotos e o conto já em papel amarelo. Na sala, às escuras, apenas a cadeira está iluminada. Caminhando ainda nua, até a sala, põe um disco na vitrola e passa as mãos sobre as costas e pernas da cadeira, assenta. Ambas estão iluminadas e dançam embevecidas. Ela relê o conto:

A moça nasceu única em uma família pequena. Pai e mãe, nada de avós, primos, primas, nenhuma dessas extensões. Gostava de dançar, conversar com companheiros imaginários. Rabiscava, não desenhava. Aos quatorze o pai se foi, a mãe entre dezessete e dezoito. Daí, foi ser dona do seu nariz.

Trabalhava num bar. Limpava as mesas e servia os fregueses ao mesmo tempo. Eles se conheceram lá. Ela 18, ele não dizia a idade. Conversavam todas as manhãs, preliminares. Ele tomava o café no bar antes de ir para o trabalho que ela também não sabia qual era. Daí, um encontro no domingo, à tarde, onde ela inventou ter vários namorados com os quais mantinha periódicos encontros. Ele disse não ter ninguém e ter perdido totalmente o prumo desde o dia em que entrou naquele bar.

Durante um tempo as coisas deles ficaram um pouco emoladas no pequeno apartamento no centro da cidade, mas deu para o gasto. A cidade é tão grande e é preciso ter coragem para morar dentro dela. Todas as pessoas se desconhecem. Apenas os dois se conheceriam não fosse por estranhas atitudes tomadas por ele: sair sempre à mesma hora, no mesmo dia, e voltar sempre tarde com o cabelo molhado, a roupa amarrotada. E os cheiros, existiam os cheiros também.

Os dias passam e os carinhos dela diferenciam-se. Ele pergunta o porquê de tanta ausência e ela com os olhos baixos responde:

“-nada”.

Certo dia, uma cena de ciúmes: segue o companheiro até o que ela imaginava ser um outro apartamento. Mas o outro apartamento é uma casa numa rua movimentada de bairro de cidade grande.

Depois de meia hora de indecisão, atravessa a rua e toca a campainha. A porta estava aberta e passando a sala e a cozinha há apenas um outro cômodo que certamente é o quarto. Parada, encosta o ouvido junto à porta que devagar vai se abrindo. Alguém diz:

“-entre, estávamos esperando por você”.

Assim, um tanto embriagada ouve a porta bater atrás de si e sente a mão em seu ombro. Seu corpo é passado em revista e o fecho-éclair do vestido aberto. Um beijo e umas unhas grandes arranham-lhe as costas. O vestido caindo a seus pés. Lentamente ela é conduzida até uma escrivaninha no canto esquerdo do quarto, assentam-na sobre a escrivaninha, no instante em que lhe tiram os sapatos vê que as unhas que lhe haviam arranhado as costas eram vermelhas. Assentada na escrivaninha sente-se tonta e quente. Faz calor nessa cidade e nesse quarto, uma outra língua em sua boca, seu soutien jogado no chão. Na cadeira alguém observa. Suas pernas abertas estão quentes. Está úmida e não queria estar. No instante em que alguém beija-lhe a boca outra mão vinda não se sabe de onde toca-lhe e ela empurra os livros da escrivaninha. Grita e não queria gritar, faz calor nessa cidade, há um trem apitando dentro de sua cabeça é mais gente chegando para as ilusões desse lugar.

Mais tarde, quando consegue ir para o seu apartamento, pega suas coisas e nunca mais volta a ele. Ele homem e ele apartamento.

III

Na sala, às escuras, ela pergunta: como será que se sente a personagem quando o autor termina o livro ou o leitor fecha-o na estante?

É fim, é tudo tão louco, mas